

Ciro libera R\$ 412 milhões do FNE junto ao BNB

O Fundo Constitucional de Financiamento do NE supera R\$ 1,6 bilhão

Darlan Moreira
de Fortaleza

Prevaleceu clima de entendimento e convergência na reunião, na quarta-feira à noite, em Brasília (DF), entre o presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Roberto Smith, e o ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes, acerca do encaminhamento que deve ser dado ao dinheiro em disponibilidade no Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) — quantia que atualmente supera R\$ 1,6 bilhão.

A não aplicação efetiva dos recursos do FNE vinha suscitando questionamentos ao BNB — gestor dos recursos — e, especialmente, a cobra de agentes diversos em relação ao dinheiro que estaria adormecido no fundo.

No encontro de quarta-feira foram detalhadas iniciativas do banco que já estão em curso para agilizar as operações e combinado um trabalho de maior cooperação com os ministérios da Integração e da Fazenda, informou Smith, presidente do BNB.

Do ponto de vista prático, o Ministério da Integração anunciou o descontingenciamento de R\$ 412 milhões do FNE — fundo composto a partir de parcelas dos impostos sobre Produtos Industrializados (IPI) e de Renda (IR) e cujo montante vem variando de R\$ 1,6 bilhão a R\$ 1,7 bilhão nos últimos anos. “Foi uma demonstração positiva que dominou o encontro”, observou Smith.

Desde fevereiro, quando tomou posse, Smith diz que vem reorganizando o banco no tocante à promoção de negócios; análise de risco de operações; e recuperação de créditos. “Encontrei a instituição em situação difícil. Venho promovendo reuniões com superintendências, governadores da região e líderes empresariais

para reativar a parte negocial.”

Smith relatou ao ministro Ciro Gomes que esse esforço resultou, até o momento, em contratações de R\$ 98 milhões. A demanda por créditos atualmente alcança R\$ 1,56 bilhão. “Como esse trabalho ainda não terminou, creio que as propostas chegarão a R\$ 2,5 bilhões. Portanto, temos condições de aplicar, com critério, o total de R\$ 1,7 bilhão até o final do ano”, disse Smith.



Roberto Smith

Para consolidar esse desempenho, determinados pedidos de empréstimo, do ponto de vista normativo, precisam ser acordados com o governo federal. “Alguns pleitos como o da Aracruz, na Bahia, ou o projeto de uma siderúrgica no Ceará excedem a cota de 10% do patrimônio líquido (PL) do banco. Nesse caso,

haveria impedimento para contratar”, explicou. O PL do BNB é de cerca de R\$ 1,2 bilhão.

Outra questão que precisaria da anuência do governo, conforme Smith, seria a autorização para financiar empresas privadas que resolvam promover investimentos sujeitos a concessão pública — uma estrada, por exemplo. Em relação a operações de pequenos e médios valores, o banco também quer rever procedimentos para agilizar o crédito, seja financiando novas atividades ou mesmo removendo embaraços operacionais.

“A meta é conferir mais autonomia à gerência das agências na análise e liberação do crédito. Assumi uma instituição com a gestão muito centralizada”, afirmou Smith. O presidente do BNB também quer agilizar a recuperação de R\$ 5 bilhões em créditos devidos à instituição. “No geral, nossos planos casam com o pensamento do ministro Ciro.”

Desde a sua criação, em 1988, o FNE suscita polêmicas. O ponto

mais vulnerável do fundo sempre foi a elevada inadimplência — que algumas fontes reputam em 46%; outras em 35%.

De acordo com o presidente do BNB, até o ano de 1998 a inadimplência histórica do fundo era de 57%. “Simplesmente não havia risco de aplicação do crédito do FNE. Então, era a casa da viúva”, disse. A partir de 1998, uma mudança normativa, estabeleceu que o BNB seria responsável por 50% do risco nas operações e a situação mudou bastante.

A nova disposição reduziu a inadimplência de maneira brutal — cerca 7,5%, para operações a partir de 1998 — mas trouxe consigo um efeito indesejável: a retração progressiva das operações. As contratações recuaram para R\$ 569,2 milhões em 2000; R\$ 302,5 milhões em 2001; e R\$ 254,4 milhões no ano passado.

Como o FNE é considerado uma das fontes mais baratas do mercado, demandas por empréstimo começaram a acumular-se na mesa do BNB. Os mais ávidos, no momento, são empreendedores do Centro-Oeste, que já pediram R\$ 1,1 bilhão, disponibilizados pelo FCO. Este é um fundo similar ao FNE que atende a região Centro-Oeste.

Nesta semana, circularam comentários sobre a possibilidade de o próprio Ministério da Integração usar os recursos do FNE para aplicar em projetos de interesse da pasta. “Há muita especulação a respeito dessa questão. Tenho dito que alimentar isso não é saudável para o banco, cujo principal capital é a credibilidade”, disse Smith.

Embora reconheça certa pressão para aplicar os recursos, o presidente do BNB diz que pretende trabalhar sem açodamento. “Se agir de maneira açodada isso pode implicar em maior risco dos créditos que, por sua vez, vai requerer maior provisionamento das operações, com reflexos negativos no patrimônio líquido. Esse processo pode colocar em risco o próprio banco”, argumentou.